

InFormAÇÃO

www.jnd.ifsp.edu.br

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiá - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

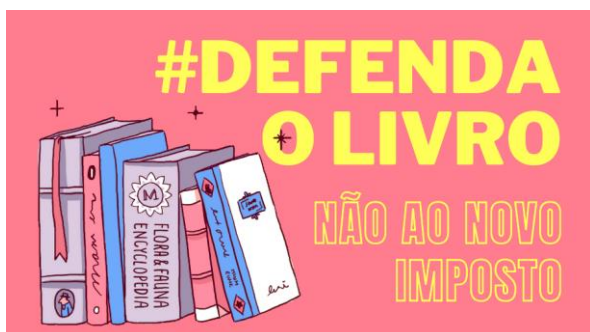
O Agosto Lilás tem por objetivo alertar a sociedade sobre a violência contra a mulher e divulgar a Lei Maria da Penha.

#DefendaOLivro

Por Maria Eduarda Raia

No mês de julho, foi enviada uma proposta de reforma tributária ao congresso que sugere que sejam unificadas algumas contribuições em um único imposto. Desde 2004, o setor de livros é protegido pela constituição, que isenta a tributação sobre vendas e importações. Porém, na proposta apresentada, a isenção seria extinguida, submetendo o mercado editorial a uma alíquota de 12%, o que refletiria em seu valor - tornando, assim, os livros mais caros. Para os consumidores, o preço deve aumentar cerca de 20%.

O ministro da economia, Paulo Guedes, alega que é justo cobrar impostos sobre os livros, pois “são artigos de elite”. Ao ser questionado sobre como isso seria superado, ele diz que se planeja a criação de um projeto em que livros seriam distribuídos gratuitamente para pessoas mais pobres, o que, além de ser uma solução vaga e insuficiente para suprir a falta de acesso ao conhecimento, pode influenciar diretamente na escolha dos conteúdos que serão lidos por quem receberia esses livros, visto que isso passaria a ser controlado por pessoas específicas e alinhadas com o pensamento do governo.



O mercado editorial já é um mercado muito debilitado, sobretudo após o período de isolamento social, em que as vendas caíram muito. Grandes empresas do setor têm fechado muitas de suas livrarias nos últimos anos e, com essa mudança na taxação, a situação pioraria consideravelmente, pois ainda menos pessoas teriam condições de comprar livros.

Entidades e instituições ligadas a esse mercado se posicionaram contrárias a essa alteração. Em união com internautas, levantaram a campanha #DefendaOLivro para manifestarem sua contestação.

Devemos lembrar que o acesso a livros não é e nunca deverá ser visto como um “privilegio” ou um produto exclusivo de determinada classe social. Se o ministro

defende que os consumidores são pertencentes às classes mais altas, o correto é investir na democratização e não piorar o cenário, fazendo com que fique mais inacessível. No Brasil, são poucos os programas de incentivo à leitura e, com o encarecimento dos livros, o público ficará ainda mais desestimulado. Além disso, muitas livrarias podem acabar fechando suas portas, o que envolve toda uma cadeia de produção que também seria prejudicada.

É certo que existem muitos pontos que merecem atenção no sistema tributário brasileiro, mas não será por meio da taxação dos livros que o problema será resolvido. Os livros transmitem cultura, entretenimento, alegria, informação, além de atuarem como meios para conhecer novas opiniões e perspectivas e, por isso, devem ser universalizados. Diante desse cenário, é válido frisar que ter contato com a educação e ter acesso ao conhecimento é um direito de todos, independentemente de classe.

Pandemia maquia descaso do governo com a educação

Por Uma Redatora Inspirada e
Ana Gabriela Oliveira

Na terça-feira, 11 de agosto, o Ministério da Educação anunciou um possível corte de R\$ 4,2 bilhões na educação em 2021, o que afetará 18% do orçamento de universidades públicas e Institutos Federais. Tal projeto, que ainda passará por votação no Senado e pode sofrer alterações, está causando dor de cabeça em reitores. Segundo Edward Madureira Brasil, presidente da Andifes (Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), "Os reitores estão apreensivos e olhando a dificuldade de manter as universidades funcionando na sua plenitude em 2021. Não há condições. Para muitas universidades, o orçamento de 2020 é insuficiente para cobrir despesas. Elas vão chegar ao fim do ano com déficit, e depois ainda terão menos recursos em um ano com previsão de aumento de despesas por causa da volta às aulas presenciais devido à pandemia."

Em nota, o MEC afirma que: "Em razão da crise econômica da pandemia do novo coronavírus, a Administração pública terá que lidar com uma redução no orçamento de 2021, o que exigirá um esforço adicional na otimização de recursos públicos e na priorização das despesas". Assim, é visível o descaso com a educação e o futuro dos estudantes, uma vez

que, de acordo com dados do Tesouro Nacional, as despesas com a educação vêm registrando queda nos últimos anos. Além disso, um estudo feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), grupos de nações mais desenvolvidas, informa que o Brasil é um dos países que menos investe em educação.

Perguntamos, caro leitor: é esse o futuro tão sonhado por nós e pelos que lutaram para que tivéssemos oportunidades hoje? Que governo é esse que, ao invés de investir no futuro do país, corta suas chances desde o começo? Não estamos pedindo algo impossível, apenas o que é nosso por direito, uma educação de qualidade. Há tempos a educação brasileira é vista como de baixo nível e, quando são criadas oportunidades para que esse sonho seja possível, o governo "puxa o nosso tapete".



Charge: Murilo Donizeti

Não é de hoje que Institutos Federais vêm sofrendo grandes cortes orçamentários. Durante o ano de 2019, alunos de vários câmpus de São Paulo, Rio de Janeiro e outros estados saíram nas ruas protestando contra esse abuso.

Em 2018, o cantor de Rap Projota lançou a música "Senhor Presidente", na qual, em um trecho, diz:

*"[...] Oh pátria amada e mal amada por filhos infiéis
Digas quem te comandas que eu te digo quem és
E aí vem vocês pegar o que é nosso direito
Crime não é mais crime quando é um crime bem feito
Viver dessa maneira é algo que eu não aceito"*

Não se trata apenas de uma música, mas sim de um protesto, no qual o cantor emite, por meio de sua letra, insatisfação e revolta com a atual realidade de seu país. Até quando a educação será posta em segundo plano? Ficaremos calados? Será este o começo ou o fim?

Dúvidas na retomada das aulas?

Por Maria Eduarda Raia e Nicoly

Com a retomada do calendário acadêmico, é natural que surjam dúvidas, não apenas imediatas, mas também quando utilizamos as ferramentas do ensino não presencial. Por isso, selecionamos algumas questões que podem ainda estar na mente dos alunos. Confira também as demais respostas no site do Câmpus (<https://jnd.ifsp.edu.br/index.php/retomada-das-atividades-academicas-2020>), ou entre em contato com os professores, a coordenação do curso, ou a Coordenadoria de Apoio ao Ensino (CAE) para questões sobre assistência estudantil e/ou dificuldades relacionadas ao acompanhamento das atividades. Caso tenha dificuldades com e-mail acadêmico, plataformas e/ou ambientes virtuais, converse com a equipe de apoio digital (monitoria.jnd@gmail.com).

Há previsão de retorno das atividades presenciais?

Ainda não há previsão de retorno presencial. Dependerá do controle da pandemia provocada pela COVID-19 e do fim do período de isolamento social na cidade de Jundiá.

Quando se encerrará o 1º semestre letivo de 2020?

Com a reorganização do calendário e a proposta da adoção de módulos, não serão considerados semestres ou bimestres para encerramento de ciclo. O calendário acadêmico de 2020 será considerado como um todo para os cursos anuais e se encerrará em 10 de fevereiro de 2021.

Como será a disposição dos módulos?

As disciplinas serão organizadas por módulos, que terão duração de 3 semanas cada e irão totalizar, ao final, 8 módulos. Cada módulo terá um conjunto de disciplinas e, ao final do mesmo, outro conjunto de disciplinas serão trabalhadas. Ao fim das disciplinas, serão retomadas as matérias do 1º módulo e assim por diante.

É necessário cumprir toda a carga horária das disciplinas?

Sim, toda a carga horária das disciplinas deve ser cumprida. Porém cada estudante tem um ritmo e uma agenda diferente, sendo assim, alguns poderão levar mais tempo e outros menos para realizar as atividades propostas.

Como será computada a frequência às aulas?

Cada docente apresentará aos alunos os critérios de atribuição de frequência no início da retomada, que poderá ser computada através da visualização e entrega de atividades propostas, além da participação nas atividades síncronas (quando houver), registro de acessos na plataforma, ou outros meios que se façam necessários.

Como serão as avaliações?

As avaliações serão realizadas de forma não presencial e também serão apresentadas no reinício de cada disciplina, pois variam conforme planejamento individual de cada docente. Porém, nos primeiros trinta dias de retorno às aulas, não poderá haver atividades avaliativas com atribuição de nota.

E se o aluno não tiver internet ou tiver problema de conexão durante a atividade?

A situação de acesso de cada aluno do Câmpus foi avaliada em julho pelo Grupo de Trabalho instituído pela Portaria nº 29/2020 e, para solucionar as possíveis dificuldades, foram publicadas Chamadas Públicas para a doação de aparelhos eletrônicos/serviços de internet aos alunos e foi publicado Edital para os alunos que têm dificuldade de acesso solicitarem Auxílio Conectividade ou Auxílio Equipamento Eletrônico. Problemas eventuais de acesso não serão um problema, visto que todas as atividades estarão disponíveis no Moodle com um prazo determinado com antecedência para realização e entrega.

Haverá férias em janeiro de 2021?

Haverá um recesso por conta das festas e feriados de fim de ano, que ocorrerá do dia 24 ao dia 31 de dezembro, com a retomada das atividades no dia 4 de janeiro. O próximo período de férias está previsto para o final do calendário acadêmico 2020, e deve ocorrer do dia 18 de fevereiro ao dia 5 de março.

Haverá um planejamento especial para os alunos concluintes?

O novo calendário acadêmico foi pensado já incluindo os alunos concluintes. Nosso ano letivo 2020 se encerrará em 10 de fevereiro de 2021, o que, em um primeiro momento, não impactará o ingresso dos formandos em instituições de ensino superior, visto que a data do ENEM e de outros vestibulares também foram alteradas.

Será realizada avaliação do desenvolvimento das atividades não presenciais por parte da Instituição?

Sim. A instituição realizará o acompanhamento dessas atividades e, a cada 2 meses, haverá uma avaliação do processo. A partir disso, a estratégia adotada poderá ser mantida ou alterada.

Haverá mudanças no auxílio permanência?

O auxílio será mantido para todos os alunos regularmente matriculados e cadastrados no Programa de Auxílio Permanência. Para os alunos de Logística e Administração, o estudante beneficiário deverá ter frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) mensalmente nas atividades acadêmicas não presenciais. Para os alunos de Comércio, conforme regulamenta a Instrução Normativa PRE/IFSP, nº 002, de 16 de abril de 2020, os estudantes beneficiários terão seus benefícios mantidos, com a nomenclatura Auxílio Emergencial COVID-19, durante o período de interrupção das aulas presenciais.

É possível realizar trancamento/cancelamento nos cursos integrados?

Para o Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio, só é possível realizar o trancamento da matrícula se for comprovada a realização de intercâmbio ou se o estudante estiver passando por problemas de saúde. Para estudantes do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio - PROEJA, o trancamento é possível por outros motivos. Em ambos os casos, deve ser feita solicitação à Secretaria por meio do endereço de e-mail secretaria.jundiai@ifsp.edu.br.

Quando se iniciará o ano letivo de 2021?

O ano letivo de 2021 terá início após as férias programadas para o período entre 18 de fevereiro e 5 de março, porém ainda será construído e aprovado novo calendário referente ao período letivo de 2021.

Estou com livro(s) da biblioteca emprestado(s). Quando devo devolvê-lo(s)?

Os livros deverão ser devolvidos quando as atividades presenciais forem retomadas, sem prejuízo ao estudante.

Como será a recuperação paralela e as reavaliações?

O acompanhamento será realizado continuamente pelos professores, coordenadores de curso e Coordenadoria de Apoio ao Ensino, e a recuperação paralela e as reavaliações serão informadas durante o andamento dos módulos.

Até quando o lucro será mais importante que nossas vidas?

Por Karen Rezende

Na sexta-feira, 14 de agosto, o representante de vendas Moisés Santos, de 53 anos, sofreu um mal súbito e faleceu, enquanto cumpria expediente em um supermercado da rede Carrefour, em Recife, Pernambuco. Após o ocorrido, o corpo de Moisés foi coberto por guarda-sóis, caixas e tapumes, onde permaneceu por 4 horas até a chegada do Instituto Médico Legal (IML). Durante todo esse período, a loja seguiu com o funcionamento normal, sem interrupção das atividades.

A rede Carrefour realizou publicações de notas em suas redes sociais, em que disseram que sentiam muito pelo ocorrido e prestaram condolências à família de Moisés. Além disso, declararam que irão realizar mudanças no protocolo a ser seguido nesse tipo de situação, tornando obrigatório o fechamento de suas lojas.

Porém, o supermercado em questão não fechou para que algumas horas de lucro não fossem perdidas. Situações como essa exemplificam o extremo descaso de grandes empresas com relação à vida, colocando como prioridade o lucro em detrimento de direitos humanos básicos. Nem quando o trabalhador vem a falecer ele tem sua dignidade e seus direitos preservados.

Não podemos esquecer que estamos enfrentando uma pandemia e que, mesmo com a circulação de um vírus de fácil propagação que já levou a vida de mais de 100 mil brasileiros, o discurso propagado é de que "O Brasil Não Pode Parar". A preocupação que alguns dizem ter é com a economia do

país, que já está enfraquecida há anos e não por culpa dos trabalhadores, mas por culpa de governos irresponsáveis e da elite brasileira. A verdade é que não ligam para a vida de milhares de brasileiros e muito menos para a economia, e sim para os seus lucros individuais. Assim foi no Carrefour, que tratou seu funcionário com extremo descaso, continuando as vendas como se nada houvesse ocorrido.

Nós não devemos, jamais, normalizar esse tipo de situação. O acúmulo de capital não pode ser mais importante que a vida. No Brasil que vivemos, os trabalhadores estão perdendo cada vez mais direitos (principalmente após a Reforma Trabalhista) e, se medidas não forem tomadas, nossos direitos serão retirados e nossa vida, cada vez mais, banalizada.



Expectativas para a volta às aulas

Por Uma Redatora Inspirada

O que é expectativa? Segundo o dicionário online Significados, "expectativa é o estado ou qualidade de esperar algo ou alguma coisa que seja viável ou provável que aconteça; um grande desejo ou ânsia por receber uma notícia ou presenciar um acontecimento que seja benéfico ou próspero."

Há mais ou menos 170 dias, o mundo se distanciou da escola e, a cada dia que passa, aprendemos a conviver com esse novo sistema não presencial, inserido em nossas vidas há tão pouco tempo. Desse modo, o retorno às aulas é um assunto um tanto complexo, uma vez que as escolas federais, estaduais, municipais e particulares hoje estão em um impasse, pois uma porcentagem quer o retorno presencial e outras não. Além disso, a desigualdade social é muito evidente principalmente neste momento, em que alguns têm condições de estudar remotamente e outros não, o que gera certa apreensão em relação à qualidade do conhecimento que os alunos estão adquirindo.

Em nosso Câmpus não foi diferente. Também tivemos muitas divergências sobre o retorno remoto. Alguns não concordam, enquanto outros estão satisfeitos com o posicionamento da instituição. Antes de debater essa situação, temos que concordar que fomos todos pegos de surpresa, pois não imaginávamos passar por um momento como este.

É certo afirmar que um computador não vai substituir um professor e uma *live* não proporcionará as mesmas experiências que a aula presencial, mas não podemos arriscar a vida de servidores, estudantes e suas famílias. Sabemos que o momento pode causar medo e, às vezes, gerar questionamentos se é ou não tempo perdido, mas tente olhar de outra forma. Encare como um teste, em que você tem que se reinventar para aprender de um jeito que te deixe confortável. Por meio do ensino remoto, você está tendo a oportunidade de conhecer vários métodos e aplicativos que sequer imaginava que existiam. Além disso, neste momento, já aprende que não deve ficar tão dependente do professor, uma vez que, agora, o professor é um apoio que está ali para te orientar. Com o isolamento social, os estudantes viram que são capazes de se reinventar, no sentido de buscar seu próprio

conhecimento, de fazer suas pesquisas e análises.

Ademais, a pandemia nos mostrou que a tecnologia agora veio para ficar, visto que está se enraizando na educação. Nesse sentido, agora mais do que nunca, temos que nos familiarizar e nos acostumar a ela. Além disso, na internet, podemos estar sempre atualizados, com grande fluxo de informações e aplicativos e sites ótimos para o aprendizado, o que nos faz pensar que talvez algumas coisas que estamos aprendendo agora não aprenderíamos em aula presencial, por exemplo. Sabemos que o retorno presencial será acompanhado de inúmeras mudanças em nossas vidas, e uma delas será o jeito de aprender e buscar conhecimento para si.

Minha expectativa para as voltas aulas é de inovação coletiva, de pensamento, atitudes, visões e de muito aprendizado. Abra seus horizontes, este é um excelente momento de aprender e se reinventar. Que comecem os lembretes para os trabalhos, os choros de estresse, as risadas com os amigos e a corrida para notas boas! E não se esqueça:

“Cuidado com gente que não tem dúvida. Gente que não tem dúvida não é capaz de inovar, de reinventar, não é capaz de fazer de outro modo. Gente que não tem dúvida só é capaz de repetir.” (Mario Sergio Cortella).

A persistência do racismo no Brasil

Por Davi Botelho e Yara Oda

A Constituição Brasileira de 1988, documento de maior importância legislativa no país, assegura, no Art. 5º, que “[...] Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”. Considerando o fato supracitado, pode-se entender que, em tese, são intoleráveis o segregacionismo, o preconceito e os crimes de ódio motivados por questões raciais no Brasil, visto que sua estrutura sócio-política considera a igualdade entre todos. Entretanto, se admitirmos isso como verdade, desconsideraremos que o racismo, que é enraizado na história do país, seja uma questão existente - o que não procede. Assim, pode-se considerá-lo como algo que transcende uma prática inconstitucional: é inadmissível, e precisa ser analisado, debatido e desconstruído.

Engana-se quem pensa que esta é uma mazela social recente. O termo “racismo estrutural” designa uma situação em que sociedades são estruturadas na discriminação e marginalização de grupos étnicos, estabelecendo estereótipos preconceituosos preponderantes no imaginário social. Nos primeiros anos do período histórico correspondente ao Brasil Colônia, grande parte da população africana foi coagida e colocada na posição de oprimida, já que a individualidade de centenas de milhares de negros foi desconsiderada e sua liberdade retirada, ao serem trazidos à América para constituir a base de um sistema econômico escravista. Além disso, é válido citar correntes racistas que foram legitimadas em alguns momentos da história, como o “Racismo Científico”, uma crença dos séculos XIX e XX que, a partir de teorias supostamente científicas, buscou justificar práticas discriminatórias; e como a “Eugenia”, uma pseudociência fundamentada em 1883 por Francis Galton que tentou comprovar a “superioridade biológica” de certas etnias. Portanto, infere-se que tais aspectos reforçaram o processo de dominação e inferiorização do negro, cristalizando, assim, o preconceito racial na sociedade brasileira.

Visto que o racismo no Brasil é enraizado, algumas expressões cotidianas podem passar despercebidas. No entanto, o uso delas, mesmo que não aparente, ainda reforça a discriminação racial. Expressões como “da cor do

pecado”, “fazer nas coxas” e “mulata” surgiram no período colonial e fazem alusões ao trabalho escravo e, mesmo com toda a diferença de tempo, continuam sendo utilizadas. Outras empregam a palavra *negro* ou *preto* com um significado pejorativo, como “mercado negro”, “lista negra”, “magia negra”, “a coisa tá preta”, “não sou tuas negas” e “denegrir”. E ainda existem as que parecem inofensivas, mas carregam uma carga racista e segregacionista, como, por exemplo, “lápís cor de pele” – utilizada para se referir ao lápis do tom de pele branca, principalmente entre as crianças na escola. No entanto, essas expressões racistas não são essenciais e podem ser facilmente substituídas por outras sem carga discriminatória. Nesse sentido, o não uso delas contribuiria para a luta antirracista, uma vez que, perante o racismo enraizado, devemos “cortar o mal pela raiz”.



Ilustração: Murilo Donizeti

Atualmente as pautas antirracistas têm se tornado cada vez mais discutidas e ouvidas, principalmente com a ascensão do movimento do *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam, em português). No entanto, casos de discriminação racial ainda são frequentes, como o caso do assassinato de George Floyd e o caso do motoboy em Valinhos/SP, dentre muitos outros, demonstrando a importância de continuar lutando em busca de igualdade racial. Assim, devemos tomar consciência de que o racismo existe, não é uma opinião e deve ser combatido. É válido frisar que não é necessário ser negro para lutar e se engajar na luta contra o racismo, mas você sempre deve saber e reconhecer o seu lugar de fala. Por isso, caso você não seja negro, reconheça o seu privilégio branco e lembre que ele não significa que você não passou por dificuldades, mas sim que a cor de sua pele não trouxe outras mais. Assim, perceba que você é capaz de usufruir da sua posição privilegiada para contribuir com a causa. E lembre-se: racismo reverso não existe.

EXPEDIENTE

Editoração/Revisão: Adriana Fernandes, Gabriela Alias e Ana Helena Fiamengui. **Diagramação:** Karen Rezende

Jornal desenvolvido por alunos do ensino médio integrado ao técnico em logística do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiá.